

## **Jornalismo sensacionalista: um estudo do Caso Eloá<sup>1</sup>**

Nayara do Rocio Vendramim CORRÊA<sup>2</sup>

Willian Hideo SAIZAKI<sup>3</sup>

Manoel Moabis Pereira dos ANJOS<sup>4</sup>

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR

### **Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo expor as características que particularizam o gênero sensacionalista no tratamento de um fato noticioso. A cobertura escolhida como objeto de análise trata-se do “Caso Eloá”, que foi apresentado também, por um programa jornalístico que possui abordagem sensacionalista, que gerou repercussão na mídia, resultando no questionamento do papel do jornalista nas coberturas policiais. A partir da seleção de aspectos do contexto da realidade e a supervalorização de temática da violência, exemplificamos os elementos construtivos do jornalismo de espetáculo ou sensacionalismo. A interferência na notícia e o apelo emotivo adotados pela jornalista Sônia Abrão no programa “A tarde é sua” transformam a informação em mercadoria.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Espetáculo; Sensacionalismo; Eloá

### **Introdução**

O jornalismo sensacionalista consiste no apelo emocional na exposição de determinada situação, com o intuito de atrair a atenção do público, resultando assim, no aumento da audiência e conseqüentemente de seus lucros, sendo esse um recurso muito comum nos periódicos e na mídia televisiva brasileira. Geralmente os temas abordados não são de extrema relevância para a sociedade e apresentam caráter tendencioso.

Nesse artigo, teremos como base a análise da cobertura jornalística de um caso noticiado pela mídia de massa que utilizou desse expediente. Para isso, usaremos como

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 6º. Período do Curso de Comunicação Organizacional da UTFPR, email: [nayaracorrea@alunos.utfpr.edu.br](mailto:nayaracorrea@alunos.utfpr.edu.br)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação do 6º. Período do Curso de Comunicação Organizacional da UTFPR, email: [wsaizaki@gmail.com](mailto:wsaizaki@gmail.com)

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Organizacional da UTFPR, email: [manoelmoabis@hotmail.com](mailto:manoelmoabis@hotmail.com)

referência os textos de Amaral (2006), Angrimani (1995), Arbex Jr. (2001) e Pedroso (2001) para a revisão bibliográfica.

Esse trabalho traz um estudo do Caso Eloá, com uma análise qualitativa a partir da cobertura jornalística presente em programa televisivo sensacionalista. A escolha desse fato deve-se a grande repercussão do acontecido, e a evidente interferência da mídia, sendo emblemático na história do jornalismo brasileiro. Definimos como objetivo principal identificar os elementos sensacionalistas contidos na sua cobertura jornalística.

Para isso, realizamos uma revisão bibliográfica dos conceitos de sensacionalismo, apresentamos o Caso Eloá, descrevemos como esse caso foi apresentado por um programa jornalístico e identificamos os elementos particulares do gênero sensacionalista nessa produção jornalística. A partir desse procedimento metodológico, realizamos uma análise do programa “A tarde é sua”, ancorado pela jornalista Sônia Abrão, durante o episódio do cárcere privado rotulado como “Caso Eloá”. Assim, algumas dimensões do jornalismo serão analisadas para esse estudo de caso. São eles: o furo de reportagem, a interferência na notícia e a ética do jornalismo.

### **Fundamentos teóricos**

O jornalismo de espetáculo ou sensacionalismo está ligado ao exagero; à intensificação, valorização da emoção; à exploração do extraordinário, à valorização de conteúdos descontextualizados; à troca do essencial pelo supérfluo ou pitoresco e inversão do conteúdo pela forma. Essa enumeração de características presentes na abordagem sensacionalista é apresentada por Amaral (2006).

O público-alvo dessa linha editorial, de acordo com Amaral (2006), são as classes B, C e D, incorporando características culturais populares com o objetivo de aumentar audiência, marcado pela sua proximidade e empatia com essa camada da população por intermédio de algumas mudanças de ponto de vista, pelo tipo de serviço prestado e pela sua conexão com o local e o imediato.

O público que consome esse tipo de material não é um parâmetro para que possa classificar o estilo sensacionalista, já que o jornalismo popular pode ser apresentado de outras maneiras. Para Amaral (2006, p. 22), “é preciso deixar de lado a ideia de que jornais destinados às classes populares revelam apenas degradação e mau gosto”. Além disso, a autora (2006, p.24) esclarece que “os jornais populares dão visibilidade também aos

sentimentos de pessoas sobre o mundo, mas não se resumem mais à produção de sensações com matérias policiais”, e classifica o jornalismo popular como sensacionalista, quando há a “exacerbação dos relatos”.

A linguagem utilizada é o que particulariza a produção sensacionalista, como mostra Angrimani (1995). Para ele, o sensacionalismo é um gênero ou estilo que provoca emoção, ao narrar a notícia em um tom dramático, com a seleção de cenas chocantes ou comoventes, busca de depoimentos das personagens da história que está contando intercalado com comentários, e entrevistas com essas personagens que detalhem a situação investigada. O que difere o sensacionalismo de outros gêneros é a forma diferente de passar a informação. O tom da narração é carregado de dramaticidade e a edição se assemelha a capítulos de novelas, transformando um aspecto da realidade em espetáculo. Busca-se apelos emotivos, aspectos do cotidiano e histórias de anônimos são explorados.

A valorização editorial da violência é um diferencial do jornalismo sensacionalismo em relação a outros informativos, segundo Angrimani (1995). E devido a essa opção é associada ao aumento da violência. Esse gênero de imprensa seleciona um acontecimento parcial e cotidiano, amplifica-o, e assim colabora para a reprodução da violência.

Para Marcondes Filho,

(A imprensa sensacionalista) não se presta a informar, muito menos a formar. Presta-se básica e fundamentalmente a satisfazer as necessidades instintivas do público, por meio de formas sádica, caluniadora e ridicularizadora das pessoas. (MARCONDES FILHO apud ANGRIMANI, 1995, p. 15)

O autor complementa, ainda, que a função desse tipo de jornalismo é de desviar a atenção do público de sua realidade imediata ao invés de voltar-se a ela. Ou seja, o interesse é dado para o lado externo, aparente e atraente do fato, desprezando a essência, o sentido ou a motivação do fato. Extrai, pois, do fato a sua carga emotiva e apelativa e a enaltece. Trata-se do maior grau de mercantilização da informação, na qual tudo o que se vende é a aparência, carregada de apelos às carências psíquicas das pessoas.

A notícia não é uma simples mercadoria. Amaral alerta para dois outros papéis do jornalismo que vão além da notícia como mercadoria. Deve-se ser “produtor de conhecimento e construtor da realidade pública” (AMARAL, 2006, p. 23).

Angrimani (1995) afirma que essa vertente do jornalismo utiliza-se de tom escandaloso e espalhafatoso, por meio de uma linguagem que envolva emocionalmente o leitor ou telespectador, com o emprego de “clichês”. Sua narrativa o transporta para a cena retratada, aproximando-o do fato, gerando as mesmas emoções dos personagens envolvidos

nelas. O autor realça que “é na exploração das perversões, fantasias, na descarga de recalques e instintos sádicos que o sensacionalismo se instala e mexe com as pessoas”. Para Angrimani (1995, p. 16) o sensacionalismo “é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não merecia esse tratamento”.

Segundo Arbex Jr (2001), o tom sensacionalista empregado em telejornais e imprensa escrita divulgam com detalhes cada fato referente a investigação da polícia, além de reverberar com exagero as mínimas declarações de qualquer personalidade. Além disso, o autor acredita que o drama de cada personagem é fantasioso, mas a lágrima que o telespectador derrama ou a palpitação de seu coração é real.

Para Pedroso (2001), o sensacionalismo é um segmento específico da imprensa popular, que chama a atenção do público ao oferecer ou provocar sensações à mensagem veiculada. Como recurso para esse fim, utiliza-se do exagero gráfico, linguístico e temático da mensagem elaborada.

O autor (2001, p. 51) afirma, ainda, que o jornalismo sensacionalista “opera como um meio de liberação de desejos reprimidos e censurados”. A partir dessa afirmação, Pedroso pontua que esse tipo de jornalismo permite que o público se projete em sua imaginação nos personagens do fato noticioso para conter seu impulso agressivo pela denúncia dos atos criminosos e pela designação de culpados.

Outro aspecto analisado por Pedroso (2001) é a narrativa do jornalismo sensacionalista. Essa, produz um efeito de ficcionalização, ao colocar o autor-jornalista no mesmo nível de consciência das personagens. O jornalista assume o papel de romancista onisciente e reforça a cumplicidade com o seu público, fazendo-o participar dos acontecimentos.

Pedroso define jornalismo sensacionalista como:

Produção discursiva da informação de atualidade, processado por critérios de intensificação e exagero gráfico, temático, linguístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de representação e construção do real social. (PEDROSO, 2001, p 52)

Um programa jornalístico pode ser caracterizado como sensacionalista quando dedica-se a provocar sensações e com intensificação de aspectos da realidade, conforme simplifica Amaral (2006).

Impulsionados pela vontade de discutir o papel social da mídia, particularmente do jornalismo sensacionalista, optamos por fazer um estudo de caso de determinadas matérias

televisivas que abordaram o Caso Eloá, com a intenção de construir uma análise do conteúdo.

### **Caso Eloá**

O Caso Eloá foi o mais longo cárcere privado já registrado pela polícia paulista, que adquiriu grande repercussão mundial. Em 13 de outubro de 2008, Lindemberg Fernandes Alves, 22 anos, invadiu o domicílio de sua ex-namorada, Eloá Cristina Pimentel, 15 anos, no bairro de Jardim Santo André, em Santo André, Grande São Paulo, onde ela e mais três colegas realizavam trabalhos escolares. Dois deles foram liberados logo no início. Eloá e sua melhor amiga Nayara Silva permaneceram aprisionadas.

No dia seguinte, o advogado do sequestrador, Eduardo Lopes, começou a acompanhar as negociações de seu cliente junto com o Grupo de Ações Táticas Especiais (GATE). À noite desse mesmo dia, a amiga de Eloá, também de 15 anos, foi libertada, mas no dia 15, decidiu retornar ao cárcere para colaborar com as negociações.

A polícia cercou o cativo, mas não obteve sucesso na negociação com o sequestrador. Após um longo período de cárcere privado, superior a 100 horas, os agentes do GATE e da Tropa de Choque da Polícia Militar de São Paulo entraram no apartamento, com a justificativa de ter ouvido disparo de arma de fogo no apartamento, iniciando luta corporal com Lindemberg, que reagiu, disparando nas duas meninas. Nayara foi atingida no rosto, mas sobreviveu. Eloá morreu com um tiro na cabeça e outro na virilha. O criminoso foi preso e condenado pelos crimes relacionados ao sequestro.

Devido a grande duração desse cárcere privado, a mídia brasileira foi ampliando sua atenção ao caso, transformando-o em um espetáculo midiático. Após cerca de dois dias, a apresentadora Sônia Abrão da RedeTV! entrevistou o sequestrador Lindemberg Alves, seguida pela repórter Zeldia Mello, da Rede Globo e também pelo repórter da Folha Online.

Tudo começou com a invasão do apartamento e aprisionamento de uma ex-namorada. A princípio parecia um comportamento de uma pessoa desiludida amorosamente, que por impulso, estava cometendo um ato de desespero. Elementos que poderiam ser classificados como um crime passionai. No entanto, investigando outros elementos apresentados no decorrer do cárcere, é possível traçar uma outra interpretação.

No livro “Mentes Perigosas”, Silva (2014) classifica Lindemberg como psicopata. Para ela, o perfil de personalidade do rapaz é marcado pela perversidade, com aspectos de

frieza e premeditação. O desvio de personalidade é marcado pela agressividade demonstrada quando as vontades dele não eram satisfeitas, enquanto assumiu um papel de “bom moço” quando as pessoas atendiam seus pedidos.

A autora também descarta a classificação de crime passional. Segundo ela, um crime passional é gerado por impulso, movido por paixão, e encerra com o arrependimento do criminoso. Nesse episódio, “Lindemberg teve tempo suficiente para se arrepender e se entregar”, o que não ocorreu. (SILVA, 2014, p. 125) Além disso, ele mantém suas reféns por quase cinco dias, agredindo-as, ameaçando-as e torturando cruelmente. No julgamento, ele manteve-se frio, mentiu, foi arrogante e não demonstrou arrependimento.

Além disso, a análise psicológica de Lindemberg realizada por Silva (2014) apresenta uma personagem diferente da retratada pela mídia. Em programas jornalistas, de tom sensacionalista, o criminoso é retratado como um menino apaixonado que estava vivendo uma crise amorosa provocada pela perda de sua amada. O rapaz não conteve a sua agressividade, transformando-a em violência, o que despertou um aspecto de interesse de programas sensacionalistas.

Arbex Jr faz uma observação pertinente à geração da notícia como produto da mídia e do mercado:

A televisão é um pólo ativo do processo de seleção e divulgação de notícias e também dos comentários e interpretações que delas são feitas. Ela não é mera observadora ou repórter: tem o poder de interferir nos acontecimentos. (ARBEX JR, 2001, p.98)

E, complementa mais adiante, sobre o olhar do observador:

É pretensão de que [...] fatos possam ser capturados objetivamente e retransmitidos fielmente ao público, como se o jornal fosse um espelho da realidade. [...] Não apenas o olhar do observador é seletivo quanto ao evento presenciado, como ao relatar um evento o observador seleciona, hierarquiza, ordena as informações expostas, fazendo aí interferir as suas estratégias de narração. [...] Descrever um fato é, ao mesmo tempo, interpretá-lo, estabelecer sua gênese, seu desenvolvimento e possíveis desdobramentos, isolá-lo, enfim, como um ato, uma unidade dramática. (ARBEX JR, 2001, p.106-107)

Isso significa que o jornalista faz uma opção sobre um olhar que é mais interessante, a partir de elementos que observa e interpreta, transformando a notícia em um produto vendável, em uma roupagem de espetáculo. O tom da narração e os apelos caracterizam uma abordagem sensacionalista.

Para a mídia, esse episódio apresentava características que poderiam despertar o interesse do público. Ocorreu um romanciamento do evento, com a apresentação de personagens tipificados em busca de gerar uma narrativa envolvente, apresentando uma

história de amor mal resolvida. Contudo, a realidade é apresentada. Não é possível dirigir o acontecimento como um diretor artístico, em busca de um final feliz. Os personagens não são criados, eles existem na vida real.

Essa situação provocou o interesse de programas jornalístico, em especial, os sensacionalistas, que estavam diante de um possível crime passionai. Essa possibilidade era real, e provocava uma curiosidade ainda maior. Saber o que estava acontecendo era um desejo do público que acompanhava a cobertura jornalística.

Desta forma, escolher por esse viés foi uma decisão da mídia. Outros elementos podiam ser percebidos, mas eram desprezados. Pelo menos até o desfecho trágico. A história de amor mal resolvida foi finalizada com a morte de Eloá.

Assim, parte da imprensa optou por adotar uma outra postura ao analisar o criminoso. De uma pessoa descontrolada para uma pessoa psicopata. Segundo Silva (2014), os psicopatas são indivíduos que podem estar presente em qualquer lugar, manipulando outras pessoas e gerando danos materiais e psicológicos.

“A marca principal é a falta de consciência nas relações interpessoais estabelecidas nos diversos ambientes do convívio humano”, como descreve Silva (2014, p.39). E, essa autora esclarece, que a consciência é geradora de significado da nossa existência e criadora de significados da vida, influenciando e determinando o papel de cada indivíduo na sociedade. Estar consciente é ter a capacidade de raciocinar e processar os fatos que vivenciamos.

Em síntese, Silva (2014) afirma que psicopatas são seres humanos destituídos de responsabilidade ética, sem culpa pelos seus atos, que mentem com naturalidade. São atores da vida real.

Nesse ponto, podemos considerar que os jornalistas tiveram uma visão do evento noticioso e apresentando uma realidade que não tenha sido real, porque também puderam ter sido enganados por “mentes perigosas”.

Em tom sensacionalista, a imprensa e, em especial, os programas de televisão divulgavam com detalhes cada fato referente às investigações da polícia. Esse episódio foi apresentado por um “mundo” criado pela televisão, no qual o olhar empresta uma realidade. Alguns jornalistas não se restringiram a relatar o acontecimento, mas quiseram participar de certa forma de sua própria narrativa, entrevistando Lindemberg durante a cena de crime, que estava em andamento.



O rapaz, apresentado como bom moço na leitura do Sônia Abrão, durante a cobertura do sequestro no programa “A tarde é sua”, manipulava todas as situações. Ele queria estar no controle da situação. Ameaçava atirar na sua ex-amada, fazendo um papel de chantagista, em certos momentos. E, vitimizava e falava até que se renderia aos policiais, em outros.

Assim como uma novela, uma cobertura jornalística também tem uma duração. Nesse caso, marcado pela duração real de um evento observado. A invasão policial ao apartamento e o tiro fatal deram fim a essa trama, que teve uma sobrevida com o julgamento do criminoso.

Como já foi mencionado, a partir da citação da análise de Silva (2014) do acontecimento, pode-se concluir que se tratava de um indivíduo psicopata devido a vários elementos que puderam ser identificados no decorrer da cobertura jornalística.

### **Cobertura midiática**

A observação da cobertura jornalística terá como foco os programas televisivos dos jornalistas Sônia Abrão e José Luiz Datena, que repercutiram o fato, discutindo amplamente sobre o tema, realizando o acompanhamento da história.

Durante o cárcere privado, o repórter Luiz Guerra, colaborador do programa “A tarde é sua”, com apresentação de Sônia Abrão, da Redetv, telefonou para o sequestrador. Nessa conversa, ele tentou acalmar o criminoso e conhecer como estava sendo conduzido o sequestro e a situação da prisioneira. Como a ligação era gravada, Lindemberg solicitou uma conversa ao vivo no programa de Sônia Abrão.

Em contato com a apresentadora do programa A tarde é sua, Lindemberg desabafou sobre o que motivou sua atitude, e como conduziria ao fim do sequestro. Ele enfatizou que tinha a intenção de liberar as duas meninas com vida, mas não informaria o momento exato em que isso iria acontecer. A todo momento, Sônia Abrão tentava acalmar o sequestrador, afirmando que ele não era um criminoso e que sua mãe e sua irmã estavam preocupadas com ele. Além disso, a apresentadora tentava passar uma imagem positiva dos policiais.

O sequestrador relatou suas emoções, em uma conversa informal. Ele complementou, ainda, que os policiais ao se aproximarem do cativo geraram uma tensão desnecessária, resultando em uma perda de confiança.



Após essa entrevista, Sônia Abrão foi duramente criticada pelo colega de profissão, o jornalista José Luiz Datena, apresentador do programa policial Brasil Urgente, na rede Bandeirantes, que fez a seguinte declaração: “Quem faz esse tipo de entrevista é jornalista (Sônia) irresponsável, porque não tem a menor capacidade de negociar com um sequestrador, que já está nervoso”.

Diante dessa crítica, a apresentadora rebateu:

Acho polêmica saudável. Não tenho o hábito de falar mal dos meus colegas no ar. Não sou principiante e nem inexperiente. Tenho bagagem o suficiente aos meus 47 anos. Em nenhum momento pensei em substituir a polícia. O meu negócio é informação e não negociação. Em momento algum atrapalhamos nada. Fui pega de surpresa e o jornalismo de 20 anos me deu suporte para conduzir a entrevista sem que abalasse inclusive o meu emocional. Sinto muito, querido apresentador da concorrente. Nós fomos o primeiro programa a falar com ele e a partir daí a opinião pública mudou completamente. O Lindemberg não é um criminoso, ele é um rapaz que sofreu o fim de um namoro e que entrou em crise. O tempo todo defendemos a polícia dizendo para ele que o papel dos policiais era salvar vidas. Pra mim era amigo, depois passou a ser colega. Depois do que ele disse passou a ser mais nada. Se o seu trabalho é piscar luzinha e conversar com janelas, o nosso não é não. Agora não admito um jornalista pilhar um comandante contra a imprensa. Continue piscando suas luzes e conversando com janelas, mas não atrapalhe o nosso trabalho. Não brinco com a vida de ninguém, mas se alguma coisa acontecer tenho certeza de que apenas colaboramos. (Caso Eloá. A tarde é sua).

Após tal posicionamento de Sônia Abrão, Datena voltou a criticar repórteres e apresentadores de outras emissoras, que também conseguiram entrevistar Lindemberg. De acordo com o mesmo, essa atitude estava prolongando o cárcere privado, que já poderia ter acabado.

Para embasar a sua crítica, a equipe de Datena entrevistou o coronel Eduardo José Félix. Segundo ele, a situação estava sob controle quando uma intervenção por telefone da jornalista Sonia Abrão, apresentadora do programa “A Tarde é Sua”, acabou atrapalhando a liberação da refém: “Foi uma atitude que eu considero imprudente e irresponsável”, disse Félix.

Diante desse quadro, podemos analisar alguns pontos importantes: a interferência na notícia e a ética do jornalismo.

Conforme o Código de ética do jornalismo, o jornalista tem a missão de informar a população, trazendo a notícia em primeira mão, mas sem deixar de lado a apuração para averiguar a veracidade dos fatos. Segundo o artigo quarto desse código: “O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação.”

O furo jornalístico, também conhecido como scoop, é uma prática comum e ambicionada pelos profissionais de jornalismo. Conforme define Colombo:

O scoop é a revelação exclusiva de um fato que todos os outros (jornalistas e público) ignoram ainda. Ou então é uma ocasião preparada por outros para usar o jornalista em seu benefício ou prejuízo de outros. Mas todos os diretores esperam do repórter o scoop. E todos os repórteres o ambicionam como produção ou como status. (COLOMBO, 1998, P. 167)

No entanto, durante a produção da notícia, o jornalista não deve interferir nos fatos, somente retratar o acontecido. Principalmente, em situações mais delicadas. Inclusive, o Código de Ética do Jornalismo, apresenta no item II do artigo 11.º, a seguinte recomendação: “O jornalista não pode divulgar informações: de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes”.

Como visto nesse artigo, a cobertura de Sônia Abrão acabou ferindo o Código de Ética dos Jornalistas. Na entrevista, a jornalista utilizou-se de recursos emocionais para tentar convencer o criminoso a se entregar, e não se resumiu a uma entrevista tradicional. Utilizou-se, portanto, de recursos sensacionalistas na cobertura, e realizou a entrevista durante o processo de cárcere privado, participando, mesmo que indiretamente, do evento retratado.

Por sua vez, Datena também não adotou uma postura ética ao criticar o trabalho realizado por sua colega de profissão. Ele utilizou o espaço de seu programa jornalístico, que possui abrangência nacional, para tecer críticas aos seus concorrentes que conseguiram o furo de reportagem. Não cabe a ele realizar julgamento sobre o comportamento da jornalista da Redetv durante a realização da atividade da mesma. Como pode ser observado no item II do artigo 14 do Código de Ética dos Jornalistas, “o jornalista não deve ameaçar, intimidar ou praticar assédio moral e/ou sexual contra outro profissional, devendo denunciar tais práticas à comissão de ética competente”.

Cabe salientar que outros jornalistas também entrevistaram Lindemberg por telefone no cativado. Como exemplo, podemos citar a repórter Zilda Mello da Rede Globo.

Após o desfecho trágico, Sônia Abrão utilizou seu programa para rebater críticas de seu suposto envolvimento nessa situação. Ela justificou a entrevista exclusiva, dizendo que ela queria acalmar o rapaz, que tinha obtido a informação pela televisão de que ele estaria agredindo as garotas, coisa que ele afirmava para a produção do programa que não tinha acontecido, sensibilizando a apresentadora por considerar a situação como algo passional, um momento de desequilíbrio psicológico.

No programa “A tarde é sua” da Redetv!, Sônia Abrão avalia os dois tiros efetuados pelo sequestrador na namorada dele. Ela analisa que o rapaz atingiu a menina na virilha, que por ser uma região íntima, ele representaria o domínio sexual que desejava ter sobre ela, sendo uma forma de demonstrar que a garota seria somente dele e de mais ninguém. Ainda, a apresentadora afirma que o tiro disparado por Lindemberg foi realmente para matá-la, porque o rapaz não se conformava com o afastamento e rejeição de sua amada.

A descrição da cobertura jornalística permite investigar os elementos que caracterizam o jornalismo sensacionalista. Esse, é marcado pelo exagero, pela comoção e por uma narrativa mais intimista. Fundamentos do jornalismo são utilizados para a prática, mas seu formato apresenta um apelo emocional e uma espetacularização da notícia. Faz-se da violência um espetáculo, agregando um sobre valor de mercadoria.

### **Considerações finais**

O jornalista é um contador de história e sua função social é a de ser um agente responsável por levar a informação a sociedade. Como consta no código de ética dos jornalistas, na prática de sua profissão, elementos como imparcialidade, objetividade e compromisso com a verdade são fundamentos que devem ser considerados.

Assim, conteúdo e forma são estruturas significativas para a construção da notícia. O gênero sensacionalista é um recurso utilizado por muitos profissionais de jornalismo, que são orientados para mercantilização da notícia. Para isso, fatos que chamam a atenção da população, por despertar sentimento de revolta, curiosidade e comoção, são explorados.

A violência é a temática central do jornalismo sensacionalista. Programas como “A tarde é sua” e “Brasil Urgente” realizam a cobertura de situações, com um apelo particular, carregado de emoção, e com um envolvimento com o público. Nota-se um tom dramático e a investigação de detalhes do acontecimento a partir do depoimento das personagens envolvidas nas situações exploradas no material sensacionalista produzido.

Na cobertura do “Caso Eloá”, pode-se verificar elementos que representam a transmissão jornalística desse estilo de se fazer jornalismo: o sensacionalismo. Trazer a informação em primeira mão, tentar interpretar o acontecimento, e extrapolar o papel de interlocutor da notícia para interferir na notícia foram marcantes desse episódio noticioso.

A notícia é transformada em produto, não apenas como um resultado de um processo de apuração e interpretação de uma realidade, mas como um conteúdo com a intenção de atrair um público maior pela exploração emotiva dos fatos.

A notícia é sempre uma versão do que aconteceu e a verdade é relativa. Não existe um posicionamento que seja consensualmente verdadeiro para todos, assim como não existe uma interpretação única de um fato jornalístico. Por envolver dimensões próprias das ciências humanas, o jornalismo tem não uma regra, é uma prática que envolve elementos simbólicos da sociedade.

Portanto, o sensacionalismo é um formato de se apresentar a notícia. Por meio da análise de uma cobertura jornalística – o Caso Eloá, foi possível identificar os elementos que compõem o gênero sensacionalista.

### **Referências bibliográficas**

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Sumus, 1995.

ARBEX JUNIOR, José. **Showrnlismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

COLOMBO, Furio. **Conhecer o jornalismo hoje. Como se faz a informação**. Presença: Lisboa, 1988.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado**. São Paulo: Globo, 2014.

**Código de ética dos Jornalistas Brasileiros**. Disponível em: <<http://www.fenaj.org.br/materia.php?id=1811>> Acesso em: 06 ago. 2014.